

SINERGIA

REVISTA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS (ICEAC)

FÓRUM TEMÁTICO – ESTUDOS CRÍTICOS E PRÁTICAS TRANSFORMADORAS

DEISE LUIZA DA SILVA FERRAZ*

*Até agora os filósofos se preocuparam em interpretar o mundo de várias formas.
O que importa é transformá-lo.*
(Karl Marx)

Essa citação de Karl Marx não poderia ser mais auto-explicativa para apresentar este fórum da *Sinergia*, que elegeu "Estudos Críticos e Práticas Transformadoras" como eixo temático para a escolha de seus textos. Porém, esta apresentação carece de uma explicação: a transformação do mundo não é alheia ao cientista, ao acadêmico, ao intelectual do século XXI. Não são somente os objetos de pesquisa os sujeitos das práticas transformadoras. Não cabe aos "pensadores dos estudos organizacionais" tão somente estudar, ainda que numa perspectiva crítica. Urge questionarmos quais os impactos sociais de nossa atividade intelectual – e não se trata de fatores de impactos, sejam eles quais forem, porque esses muito pouco têm a dizer para além do ciclo (vicioso) da circulação do conhecimento intra-cápsula chamada academia em que vivemos.

Acompanhamos diariamente nos noticiários as "insanidades" humanas que operam no seio de uma sociedade apática. Mergulhados no individualismo constituído ao longo do processo de especialização do trabalho sob o sociometabolismo do capital, avançamos na busca da auto-realização num consumismo individualista desenfreado, onde tudo, inclusive nossa humanidade, está alienado. Subsumidos à mercadoria, subsumimos a humanidade. E as mazelas, desdobramentos de um determinado modo de produção, que afligem parte – a maior, diga-se de passagem – dos homens e das mulheres, transpassam nosso olhar sem serem vistas. Atônitos, alguns se questionam: como chegamos até aqui? Rompendo a anestésica condição em que vivemos – quiçá esteja nessa observação da manifestação do ser social que se baseiam os cineastas e roteiristas para a produção de tantos filmes de zumbis – alguns grupos ousam gritar, ousam reivindicar, ousam resistir. Porém, onde reinam as relações de indiferença, ousar coletivamente – ainda que seja um coletivo de individualidades individualizadas – incomoda aqueles que se beneficiam com as relações sociais exploratórias. Resta então ao Estado garantir a continuidade, sem perturbações, do modo de produção exploratório que está na gênese do que, comumente, é denominado de desigualdades sociais.

Desigualdades que estão no pano de fundo dos textos apresentados nesta edição. No texto de Edir Antonia de Almeida, que analisou os discursos dos agentes nacionais de fomento ao empreendedorismo, e no texto de Larissa Ferreira Tavares e Marcio Silva Rodrigues, que foca no papel do Sebrae na disseminação do discurso sobre o empreendedorismo, aparece a tentativa de soluções individuais para problemas coletivos, evitando assim a possibilidade de uma organização que vislumbre a superação das condições que constituem o indivíduo racionalmente egoísta. Ambos os textos demonstram o quanto tais discursos reproduzem o instituído, com algumas exceções, é verdade, afinal, embora todo o aparato seja construído para a submissão, a condição concreta de reprodução da vida não nos furta das contradições que os discursos tentam esconder, contradições que gestam as mais distintas formas de resistência.

Cabe destacar que as desigualdades sociais, que por vezes aparecem tão somente enquanto resultado das diferenças particulares como a raça, o gênero, as afetividades, tem sua raiz em um solo mais profundo. Não há mais como ignorar – ainda que a (ir)racionalidade científica siga tentando – o processo de valorização do capital constitui, no seu movimento de concentração, a produção de um relativo empobrecimento que se faz sentir com mais intensidade do que sobre ele refletimos. Empobrecimento que escancara a desumanização das relações humanas. Se nossas interpretações sobre ele estão aquém do que demanda a necessidade histórica de emancipação social, que dizer de nossas práticas? Não se trata,

* Professora do CEPEAD/FACE/UFMG. Coordenadora do NEC-GPRT. Avenida Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG. Fone: (31) 34097241; CEP 31270-901. Email: deiseluiza@face.ufmg.br

de modo algum, de atribuir ao cientista social o protagonismo da emancipação humana ou, como queiram, a vanguarda desse movimento. Mas destacar que, numa livre interpretação da colocação de Marx em epígrafe, já está em tempo de abolirmos a apatia, que se justifica em nome de uma suposta cientificidade, e atuarmos no processo de transformação social.

Não há estudos críticos, tampouco práticas transformadoras, se não superarmos a condição do e da intelectual enquanto mero ideólogo e ideóloga do capital, ainda que com a boa vontade da crítica. Seguir tal reprodução é tão equiparável e tão pouco profícuo quanto as ações do Estado que vislumbram tão somente administrar a pobreza, como demonstram os estudos deste fórum da Revista. Por outro lado, a denúncia científica por ela mesma pouco tem contribuído para a transformação quando a produção do conhecimento está sob o jugo do produtivismo acadêmico regido pelos fatores de impacto intra-científicos, como já destacado. Multiplicam-se meios de circulação do conhecimento na mesma medida em que o mesmo não circula – cabe aqui uma rápida homologia ao texto de Vanessa Brulon e Alketa Peci que demonstra que a liquidez da favela líquida, constituída após as ações "pacificadoras", obstaculizou o ir e vir de seus moradores. Interessante o paradoxo colocado pela liquidez atual: muitos falam do líquido, tomam sua fluidez como dada, mas poucos se questionam sobre sua viscosidade.

Questionar a viscosidade do mundo atual, e também atuar sobre ela, é o que demanda a nossa humanidade dos que se pretendem intelectuais, sobretudo em países que ingressaram no movimento geral de expansão do capital numa condição subalterna. Racionalidades subalternas é o destaque trazido pelo texto de Kettle Duarte Paes e Eloise Livramento Dellagnelo, que buscou as possíveis contribuições do diálogo entre o pensamento de Boaventura de Souza Santos e Milton Santos para o campo de Estudos Organizacionais. A despeito do hiato epistêmico entre os Santos, é importante frisar que o confronto de ideias é o nascedouro para a superação das fragilidades teóricas, desde que a primazia posta seja do real e que a "ingenuidade" acadêmica não dialogue a qualquer preço em nome da "inovação", pois, de boas intenções...

Boas intenções? A concretude das relações sociais hodiernas, com a indiferença que temos frente às múltiplas formas de violência, está sinalizando que qualificar como "boas" as intencionalidades que contribuem para o aperfeiçoamento dos mecanismos de "desenvolvimento" do capital está sendo problemático; necessitamos repensar se não estamos necessitando de más intenções. Más, sob o juízo valorativo do capital. Afinal, que maldade pode haver na tarefa de transformar o mundo? Não é justamente a possibilidade de produção do devir consciente a grande marca da liberdade humana?